



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Affinity therapy, Novidade no tratamento do autismo

Myriam Chérel

Orcid: [0009-0000-4102-4234](https://orcid.org/0009-0000-4102-4234)

Docente de psicologia clínica, psicopatologia e clínica psicanalítica na Universidade de Rennes2 (Rennes, França)
Chefe do grupo de pesquisa do autismo na Universidade de Rennes2 (Rennes, França)
Membro da Ecole De La Cause Freudienne e da Associação Mundial de Psicanálise
E-mail: myriam.cherel@univ-rennes2.fr

Resumen: Es constante en el autismo una fijación o una ritualización, una obsesión o una pasión, un interés específico o una aptitud, en resumen, una particularidad, una afinidad. Este punto permite construir una dinámica subjetiva autista: una relación al mundo, al cuerpo, a los otros y al conocimiento. La alienación significativa se correlaciona con un apoyo alienante al objeto como una compensación. Para Laurent, es un "órgano suplementario" a partir del cual el sujeto articula y desglosa todo su mundo. La defensa autística es el "regreso del goce sobre un borde". El sujeto procura el apoyo de un doble, en las variadas formas clínicas y con la intervención que resultará, un tratamiento de pulsiones y dinámica vital. Considerando esta defensa: ¿qué tratamiento sería posible con el autismo? ¿Qué apoyo institucional se puede ofrecer? ¿Cómo se podría acompañar al autista? La *Affinity therapy* nombra lo que sería un tratamiento del autista orientado por los objetos, los intereses específicos, los dobles, las particularidades de cada autista. El artículo muestra el interés de la *Affinity therapy*, explica la importancia y el peso de esta práctica en el tratamiento del autismo en un trabajo interdisciplinar orientada por el discurso analítico.

Palabras Clave: Psicoanálisis; Autismo; *Affinity therapy*; Interdisciplinaridad; Psicopatología.

Affinity therapy, Novidade no tratamento do autismo: É frequente no autismo uma fixação ou uma ritualização, uma obsessão ou uma paixão, um interesse ou uma atitude, em resumo, uma particularidade, uma afinidade. Este ponto permite construir uma dinâmica subjetiva autista: uma relação com o mundo, com o corpo, com os outros e com o conhecimento. A alienação significativa é correlata de um apoio alienante no objeto como uma compensação. Para Laurent, é um "órgão suplementar" a partir do qual o sujeito articula e separa o seu mundo. A defesa autística é o "retorno do gozo sobre uma borda". O sujeito procura o apoio de um duplo, nas variadas formas clínicas e com a intervenção [do analista?] da qual resultará um tratamento das pulsões e uma dinâmica vital. Considerando esta defesa: qual o tratamento possível do autismo? Qual apoio institucional se pode oferecer? Como acompanhar o autista? A *Affinity therapy* nomeia o que seria o tratamento do autista orientado pelos objetos, pelos interesses específicos, pelos duplos, pelas particularidades de cada autista. O artigo mostra o interesse da *Affinity therapy*, explica a importância e o peso desta prática no tratamento do autismo num trabalho interdisciplinar orientada pelo discurso analítico.

Palavras-chave: Psicanálise; Autismo; *Affinity therapy*; Interdisciplinaridade; Psicopatologia.

Affinity therapy, Nouveauté dans le traitement de l'autisme: Une fixation ou une ritualisation, une obsession ou une passion, un intérêt ou une attitude, bref, une particularité, une affinité, est fréquente. Ce point permet la construction d'une dynamique subjective autistique : un rapport au monde, au corps, aux autres et au savoir. L'aliénation significative est corrélée avec le soutien aliénant sur l'objet comme compensation. Pour Laurent, c'est un « organe supplémentaire » à partir duquel le sujet articule et sépare son monde. La défense autistique est le « retour de la jouissance par-dessus bord ». Le sujet cherche l'appui d'un double, dans les différentes formes cliniques et avec l'intervention [de l'analyste ?] qui va déboucher sur un traitement des pulsions et une dynamique vitale. Considérant cette défense : quel est le traitement possible de l'autisme ? Quel soutien institutionnel peut être proposé ? Comment accompagner l'autiste ? L'*Affinity therapy* nomme ce que serait le traitement des autistes orienté par les objets, par les intérêts spécifiques, par les doubles, par les particularités de chaque autiste. L'article montre l'intérêt de la thérapie par affinité, explique l'importance et le poids de cette pratique dans la prise en charge de l'autisme dans un travail interdisciplinaire guidé par le discours analytique.

Mots clés: Psychanalyse; Autisme; *Affinity therapy*; Interdisciplinarité; Psychopathologie.

Affinity therapy, Novelty in the treatment of autism: A fixation or a ritualization, an obsession or a passion, an interest or an attitude, in short, a particularity, an affinity, is frequent. This point allows the construction of an autistic subjective dynamic: a relationship with the world, with the body, with others and with knowledge.



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Meaningful alienation is correlated with alienating support on the object as compensation. For Laurent, it is a "supplementary organ" from which the subject articulates and separates his world. The autistic defense is the "return of jouissance over the edge". The subject seeks the support of a double, in the various clinical forms and with the intervention [of the analyst?] which will result in a treatment of the drives and a vital dynamic. Considering this defense: what is the possible treatment of autism? What institutional support can be offered? How to accompany the autistic? Affinity therapy names what would be the treatment of autistic people oriented by objects, by specific interests, by doubles, for the particularities of each autistic person. The article shows the interest of Affinity therapy, explains the importance and weight of this practice in the treatment of autism in an interdisciplinary work guided by analytical discourse.

Keywords: Psychoanalysis; Autism; Affinity therapy; Interdisciplinarity; Psychopathology.



Affinity therapy, Novidade no tratamento do autismo

Myriam Chérel

É clinicamente frequente que os sujeitos autistas tenham uma fixação ou uma ritualização, uma obsessão ou uma paixão, um interesse específico ou uma atitude, em resumo, uma particularidade, uma afinidade. Nós consideramos que este ponto de partida abre a possibilidade de construir uma verdadeira dinâmica subjetiva – autista (Perrin, 2009): uma relação com o mundo, com o corpo, com os outros e com o conhecimento. Efetivamente, o sujeito compensa a alienação significativa por meio de um suporte alienante ao objeto, à borda. É “uma tentativa de acrescentar um órgão quando a linguagem não poderia fazer precisamente um órgão” (Laurent, 1997, p. 138) a partir do qual o sujeito articule e discrimine todo o seu mundo, como precisa Lacan (1975) desde o seu primeiro seminário. Isto especifica que a defesa autística não é senão o “retorno do gozo sobre uma borda” (Laurent, 1992, p. 156), na qual o sujeito procura o apoio de um duplo, nas variadas formas clínicas e com a intervenção [do analista] da qual resultará um verdadeiro tratamento das pulsões e da dinâmica vital.

Considerando esta defesa específica: qual seria o tratamento possível do autismo? Que tipo de apoio institucional se pode oferecer? Como seria possível acompanhar o autista?

A *Affinity therapy* vem precisamente nomear o que seria um tratamento do autista orientado pelos objetos, pelos interesses específicos, pelos duplos, pelas particularidades de cada autista. O artigo mostra o interesse da *Affinity therapy*, explica a importância e o peso desta prática no tratamento do autismo numa “prática interdisciplinar” (Di Ciaccia, 2005), orientada pelo discurso analítico. Pois, o apoio no interesse específico de cada autista, na sua afinidade mínima, não pode ser reduzido a um método (Rouillon, 2015). É mais do que isso, é um ato que acentua a singularidade do *parlêtre* no seio mesmo de sua constituição.

Um novo respiro: Affinity therapy

Tudo começou nos Estados Unidos, a partir da primavera de 2014. O famoso jornalista político Ron Suskind¹ publica o primeiro de abril *Life animated* (2014) que descreve “seu encontro” com seu filho autista graças ao mundo da Disney. Em 7 de março de 2014, o *New York Times*² publicou um grande resumo da obra literária, ajudando a onda de midiaticização. Este artigo trata do testemunho do apoio dados às invenções de um autista pelos membros de sua família, de cuja eficácia surgem as emoções. Basta ler alguns sites americanos que falam sobre autismo, nos quais circula um trecho do vídeo da reportagem do famoso cineasta vencedor do Oscar, Roger Ross Williams³: nele é exposto o diálogo entre um pai e seu filho autista. Alguns meses depois, o livro de Kristine Barnett, *L'étincelle, La victoria de una madre contra el autismo* (Barnett, 2013), também foi publicado nos Estados Unidos. Este livro atesta a extraordinária construção autista de Jacob, graças ao apoio de sua mãe às suas afinidades – isso contra a opinião de especialistas. A partir de uma fixação em sombras e luzes, de uma

paixão por letras coloridas e alfabéticas e de um interesse específico em matemática, Jacob se tornou o astrofísico mais jovem do mundo.

E há mais exemplos. Ainda, um paradigma. Em 5 de maio de 2015, o renomado *Huffingtonpost* publicou em seu site um depoimento de Andréa Libutti (2015), física, autora, mãe de uma criança autista, com um título provocativo: *We have a choice about autism*. Ela explica como, por acaso, seu filho, submerso em um mundo silencioso, deixava cair peças de um quebra-cabeças do mapa dos Estados Unidos; ela recolhia aquelas peças do chão, concentrando-se no barulho que faziam ao cair na superfície, o qual permitiu que ela iniciasse um diálogo com o filho:

I dropped one behind me and asked him, "What state is this?"

Instantly, he replied, "Wyoming".

I was stunned. I did it again, with a different state. "And what state is this?"

"Arizona", he said.

I continued with other pieces, and he answered each one correctly. (Libutti, 2015, s/p)⁴

A partir do interesse dele por quebra-cabeças, criou-se uma relação inédita. Ela decide radicalmente desacreditar no destino funesto programado pelo diagnóstico do autismo regressivo, recebido há 9 anos, para apostar nas capacidades de seu filho, na sua maneira singular de apropriar-se do mundo através de sua afinidade. Sem dúvida, sua conclusão exige um chamado:

The really incredible paradox I have witnessed since changing my attitude is that all of the "fixing" that I used to think I had to do is fixing itself. He is connecting and communicating and empathizing with his family and others in profound ways. And he is happy, really happy. (Libutti, 2015, s/p)⁵

Uma nova pista de tratamento do autismo se apodera dos Estados Unidos? Existem todas as razões para acreditar nisso. Basta recordar a considerável importância da primeira publicação, nos anos 1980, do livro *Dibs*, da Dra. Axline (1964/2004), e do famoso filme *Rainman*, que contribuíram enormemente para a promulgação e o implemento das teorias cognitivo-comportamentais no tratamento do autismo. Desta vez, a vantagem está na disseminação das terapias pelas afinidades, ou seja, na aposta nas capacidades autoterapêuticas do sujeito a partir de suas criações. Esses depoimentos mostram que todos os pais estão focados nas obsessões, paixões e interesses específicos de seus filhos autistas.

Em 1º de abril de 2014, Hanna Rosin⁶ publicou no *slate.com* um artigo com o título provocador - *A pathway, not a prison* -, no qual os Suskind foram entrevistados juntamente com o terapeuta de seu filho Owen, o Dr. Dan Griffin. Ele constata a eficácia da terapia de Owen, a *Disney therapy*. Griffin afirma que a terapia interroga os conhecimentos que temos sobre o cérebro dos autistas. Mais uma

vez, constata-se o estado singular das afinidades que a maior parte dos autistas desenvolvem, paixões erroneamente consideradas como obsessões ou fixações. É lamentável que a psiquiatria atual, que é a do DSM e do TCC, as considere como sintomas, TOCs, ideias repetitivas, fato que reforça o isolamento do autista. Do mesmo modo, observa-se que se os terapeutas se interessam pelas afinidades dos autistas, não é mais do que em termos de recompensa por um comportamento socialmente adaptado.

Considerações sobre as afinidades na TCC

Os pioneiros das terapias cognitivo comportamentais, como Uta Frith ou Lorna Wing, afirmavam com franqueza a incurabilidade do autismo e o "intratável". "É questionável que o autismo se revele como um impossível de tratar. Entretanto, algumas recomendações mostraram-se válidas em termos de educação e de saber se posicionar com crianças autistas" (Frith, 1989/1996). Intratável, mas educável. A rejeição ao acompanhamento é clara, e este responde a um programa para educar com um lema incansável: "tratamentos que funcionam". No entanto, as consequências se manifestam, pois o sujeito reage à intervenção do Outro. O programa pretende a instalação de automatismos para poder produzir um *self* substituto e um funcionamento repetitivo.

O fato de que esta abordagem possa estar de acordo com a imutabilidade sintomática do autista, ou com os pensamentos estruturados a partir de signos autísticos (Maleval, 2003), não deixa dúvida de que isto a torna segura para alguns, mas não é de modo algum uma referência clínica que constroi o método. Que o condicionamento concorde é uma coincidência de bom presságio. Mas, esta "aprendizagem estruturada" (Motttron, 2004, p. 160), assenta-se numa utopia totalitária, situando o pensamento humano no cérebro, tendo um único objetivo a partir do qual tudo o que indica o singular é reduzido, o desejo. Negar o inconsciente é negar o funcionamento específico do autista. A palavra do mandato é "adaptação", é "ensinar o autista a se comunicar", é uma ordem: "repita", "pergunte primeiro", "sim, mas diga primeiro", "sim, mas depois você vai trabalhar dois minutos na secretaria", etc. Não é sem certo cinismo que Uta Frith considera os autistas excelentes behavioristas (Frith, 1989/1996, p. 272). "No entanto, Eric Laurent nos diz que não podemos reduzir o sujeito autista a um sistema de relações baseado na aprendizagem repetitiva" (Laurent, 2012, p. 111). Portanto, a abordagem cognitivo comportamental nega a subjetividade e o desejo [do sujeito] no momento da comunicação. A linguagem não é escutada como aquilo que se aprende, como um instrumento, e os problemas de linguagem nunca são considerados como sintomas, mas como consequência de um déficit cognitivo, portanto, devem ser corrigidos. A erradicação de todas as dificuldades em todas as circunstâncias é a palavra-chave. Tudo está organizado, programado para superar o déficit. Não há espaço para invenção, nem ar de criatividade. A invariante de todas essas terapias que eliminam toda referência ao sentido, aos significantes do sujeito, ao tempo, ao inconsciente, ao gozo, é o desaparecimento do sujeito. "Isso funciona porque, comenta Alexandre Stevens, tendo eliminado desde o início todo o componente afetivo em relação à criança, o sujeito é foracluído" (Stevens, 2006, p. 110).

No entanto, eles dizem que dão atenção aos interesses particulares. O que pode ser entendido

aqui?

Por um lado, trabalharemos para melhorar o nível de habilidade de cada indivíduo usando seus interesses particulares. [...] O objetivo será a melhora do domínio no qual consideramos que a criança não se encontra em seu nível máximo, ou ainda, quando o déficit não é inerente ao autismo e então a correção é considerada prioritária. Da mesma forma, buscaremos modificar ou estruturar o ambiente para compensar os déficits que julgamos não poder serem reeducados naquele momento. (Mottron, 2004, p. 160).

Então, o interesse particular do sujeito, reduzido ao uso da capacidade geral, serve de álibi para o condicionamento. Não se busca apoiar um conhecimento particular. No entanto, Hans Asperger, que é a referência mais importante para os proponentes da TCC e sua "pedagogia curativa" (Asperger Hans, 1944/1998, p. 49), insistia nas possibilidades subjetivas dos autistas ao compensar seus problemas por meio do intelecto. Ele afirmava a existência de uma defesa auto terapêutica. Através do objeto, seu tema predileto, o sujeito chega -diz o autor - a estabelecer uma comunicação sendo ouvido tal como é. Se os cognitivistas adoram citar as obras de Hans Asperger, seus referentes clínicos deveriam garantir um lugar para o sujeito em sua diferença, sua diversidade, sua passagem pelo silêncio. "Porque no final das contas, do lado do sujeito, só a obediência é esperada", comenta Christiane Alberti (2008, p. 113).

Finalmente, nós os fazemos calar.

Ron Suskind, ao contrário, transmite em sua obra literária o seu apoio absoluto ao centro de interesse do seu filho, e foi assim que ele encontrou o uso das palavras. De fato, é por volta dos 3 anos que Owen começa a pronunciar frases longas e apropriadas, já que antes se fechava em silêncio, rejeitava o contato visual e se isolava radicalmente. As primeiras observações clínicas são catastróficas. Um "autismo regressivo" é diagnosticado. Apesar de...

Um pedido personalizado

A atividade favorita de Owen é assistir filmes da Disney perto de seu irmão Walt, que o pega nos braços. Passa horas com essa compulsão de retornar a algumas cenas, sem que a família entenda a lógica. Vamos especificar que até agora, de forma quase inaudível, Owen havia pronunciado apenas uma palavra: *juice* ou um jargão: "*juicervoice*".

De duplo em duplo, de Walt à Disney, Owen abre a possibilidade de uma construção com uma dinâmica autista. É uma ligação libidinal com o duplo que lhe permite utilizar a linguagem verbal, mas esta é sem relação com o Outro.

Certa manhã, os Suskinds acompanham Owen para ver a *Pequena Sereia* pela enésima vez, e sua mãe ouviu o que seu filho disse. No momento em que Úrsula, a bruxa do mar canta e pede à sereia Ariel que lhe dê sua voz em troca de se transformar em humana, para ir em busca do príncipe, Owen retorna a cena e escuta diversas vezes:

Go ahead – make your choice!

I'm a very busy woman

And I haven't got all day.

It won't cost much

Just your voice!

"It's not juice. It's just.... Just your voice !". Cornelia Suskind descodifica y Ron se dirige a su hijo diciendo: "I grab Owen by the shoulders. "Juste your voice!" Is that what you're saying". [¿Es solo tu voz que vos decís?] Owen le mira y exclama claramente: "Juicervoce, Juicervoce, Juicervoce". Y Walter, su hermano concluye: "Owen's talking again" (Suskind, 2014, p. 24).⁷

A fonoaudióloga de Owen, assim como seu pediatra, temperam o entusiasmo da família...

Apesar disso, a família vai ao parque de Walt Disney e Owen parece estar em casa, "como se a sua identidade – escreve Ron – ou o que ele foi capaz de construir, estivesse ligada àquele lugar". Mas Ron não conseguiu encontrar a chave, tomando a expressão de Anne Idoux-Thivet, mãe de uma criança autista e autora do livro *Listening to Autism*. Ela afirma que "encontrar a chave é o segredo" (Idoux-Thivet, 2009, p. 31), ou seja, cada chave é única.

Vários meses depois, no aniversário de Walt, depois que a festa acabou e Walt estava nostálgico, Owen olhou para seus pais e comentou: "Walter não quer crescer como Mowgli ou Peter Pan." A surpresa da frase completa e dirigida a alguém, interpretando o que se passava com o irmão, aponta as capacidades cognitivas intactas e convida Ron Suskind a fazer uma experiência. Vai ao quarto do filho e leva Iago, o periquito de peluche de Aladdin que Owen imita regularmente.

Then, a thought: be Iago. What would Iago say?

I push the puppet up through the crease in the bedspread.

"So, Owen, how ya' doin'?" I say, doing my best Gilbert Gottfried.

"I mean, how does it feel to be you !?"

Through the crease, I can see him turn toward Iago. It's like he was bumping into into an old friend.

"I'm not happy. I don't have friends. I can't understand what people say"

I have not heard this voice, natural and easy, with the traditional rhythm of common speech, since he was two.

I'm talking to my son for the first time in five years. Or Iago is.

Stay in Character

"So, Owen, when did yooooou and I become such good friends?"

"When I started watching Aladdin all the time. You made me laugh so much. You made me laugh so much. You're so funny" (Suskind, 2014, pp. 54-55).⁸

Owen pega essa engenhosa proposta de seu pai para sair da solidão autística e, graças ao apoio familiar, acelera sua invenção, não apenas por intermédio do tratamento do objeto voz – já que há uma rejeição estrutural de assumir uma posição de enunciação - mas também, e sobretudo, através de uma forma de caminhar no mundo. A família se transforma secretamente em personagens da Disney à noite, cada um assume a voz e os diálogos de um dos duplos de Owen, enfim, contam a ele algo que desperta a conexão libidinal nessa conversa. É seguramente o que lhe permitirá ser aceito numa turma especializada, onde por vezes a inquietação se manifestava face ao "espírito errante de Owen, no seu mundo paralelo". Ron argumenta: "Nós lhes explicamos nosso encontro: a chave é explorá-lo". A família verificou que Owen "aprendeu a escrever usando o suporte da rolagem lenta dos créditos no final dos filmes" (Suskind, 2014, p. 122). Apesar disso, a escola não permitiu a Owen um momento em que os progressos fossem notáveis. O centro educacional não foi direcionado com uma pedagogia voltada para suas afinidades. Dessa forma, Ron detecta claramente que Owen "faz dos filmes uma ferramenta e a família decide usá-la com mais frequência para entender o mundo". No entanto, isso não é suficiente para convencer os profissionais e a escola interrompe os estudos de Owen.

Algum tempo depois, Ron Suskind, afetado por essa mudança radical na ajuda, descobre um verdadeiro tratamento para Owen. Ele o chama de "os acólitos". Acólitos seriam os personagens secundários nas produções cinematográficas. Um acólito "é alguém que ajuda os heróis a alcançar seu objetivo", explica Owen. Que melhor definição do que é um duplo autista! Owen os desenha, conecta-se diretamente com a imagem animando libidinalmente seu próprio corpo e codificando as emoções que os acompanham. "O espectro da complexidade emocional do homem permanece inteiramente nesses acólitos", observa Suskind (2014, p. 156). Portanto, este trabalho defensivo de Owen é particularmente exemplar. Dessa forma, Owen poderia falar de forma mais natural através da voz de um parceiro, podendo assim se comunicar com mais agilidade no dia a dia. A posição de seu terapeuta Dan Graffin parece ter sido importante.

Dan Griffin levou a sério a terapia da Disney. Na entrevista, ele tenta captar o que há de eficaz na terapia de afinidade. A direção tomada por D. Griffin foi a de ter seguido a invenção de Owen, de considerar essa afinidade como uma solução construtiva para o sujeito e colocá-la em jogo. Primeiro, respeitar os diálogos da Disney, depois perguntar e acrescentar algo mais. Obtinha-se assim a flexibilidade e o humanismo de Owen, ele próprio protegido da enunciação pela voz de um acólito, de um companheiro. Em suma, inventar novos diálogos para conhecer suas preocupações ou suas demandas. Ron conclui apropriadamente dizendo que é como se Owen tivesse encontrado sua maneira única de falar. Assim começou o programa de aprendizagem Zazu. "Neste momento ele começa o seu próprio tratamento?" (Rosin, 2014, s/p). O encontro com o Outro sexo tentará ser encaixado graças às cenas amorosas dos filmes de animação.

E para concluir...

São muitos os autistas que testemunham o apoio fundamental constituído por suas afinidades, e pelas pessoas que os rodeiam. Cabe ao pesquisador, ao profissional do ensino das consequências da *Affinity therapy*, não apenas ouvir o autista, mas também “saber fazer junto” com os pais, pois eles testemunham as invenções e encontros de cada um, pais e autistas, com o objetivo de criar um laço no próprio local onde ele se desfaz (Rouillon, 2015).

O artigo da Slate, de 2014, nos ensina que os especialistas americanos em autismo concordaram em conceber que algumas obsessões poderiam ser consideradas como reveladoras de capacidades, e não como uma limitação. Desde então, o eco que surge hoje da obra literária de Suskind na mídia americana e inglesa contradiz especialistas e pesquisadores de todo o mundo, pois há uma mudança radical na consideração de obsessões, paixões e interesses específicos no tratamento do autismo.

Cada um tem maneiras diferentes de fazer. Na França e na Europa existem múltiplas instituições que acolhem sujeitos autistas levando em consideração o objeto autista em sua prática diária. A afinidade, por mais discreta que seja, é considerada como um suporte, como um objeto escolhido, uma “afinidade eletiva da mente autista”, segundo a expressão de Eric Laurent, e não como um obstáculo. Dessa forma, as invenções de cada autista são apoiadas rumo a um vínculo social, a uma abertura para o mundo e para a aprendizagem. É esse o acompanhamento dos sujeitos autistas orientado pelo discurso psicanalítico. Nós definiremos os princípios e a lógica. Essas instituições oferecem “uma mistura personalizada” (Rouillon, 2015, p. 100) do tríptico médico, pedagógico e atividades de aprendizagem para cada sujeito autista, questionando-se sobre as recomendações de boas práticas que seu cotidiano deve enfrentar e sobre a ética das consequências que trazem consigo.

Tradução: Rosa Guedes Lopes.

Notas

1. Autor de quatro livros sobre poder presidencial, vencedor do Prêmio Pulitzer e atualmente reitor do Edmond J. Safra Center for Ethics, em Harvard.
2. <http://www.nytimes.com/2014/03/09/magazine/reaching-my-autistic-son-through-disney.html? r=0>
3. O cineasta ganhador do Oscar de melhor filme.
4. Tradução:
Deixei cair um atrás de mim e perguntei a ele: "Que estado é esse?"
Instantaneamente, ele respondeu: "Wyoming".
Eu estava atordoada. Fiz de novo, com um estado diferente. "E que estado é esse?"
"Arizona", disse ele.
Continuei com outras peças e ele respondeu cada uma corretamente. (Libutti, 2015, s/p)

5. Tradução:

O paradoxo realmente incrível que testemunhei desde que mudei minha atitude é que todo o "concerto" que eu costumava pensar que tinha que fazer está se consertando. Ele está se conectando, se comunicando e tendo empatia com sua família e outras pessoas de maneiras profundas. E ele está feliz, muito feliz. (Libutti, 2015, s/p)

6. Jornalista americano, da *Slate magazine*, fundador da *DoubleX* e editor do *The Atlantic*.

7. Tradução:

Vá em frente - faça sua escolha!

Sou uma mulher muito ocupada

E eu não tenho o dia todo.

Não vai custar muito

Apenas a sua voz!

"Não é suco. É apenas.... Apenas a sua voz! Cornelia Suskind decodifica e Ron se dirige ao filho dizendo: "Agarro Owen pelos ombros. "Apenas a sua voz!" É isso que você está dizendo". [É só a sua voz que você diz?] Owen olha para ele e exclama claramente: "Juicervoce, Juicervoce, Juicervoce". E Walter, seu irmão conclui: "Owen está falando de novo".

8. "Então, um pensamento: seja Iago. O que Iago diria?

Eu empurro o boneco para cima através do vinco na colcha.

"Então, Owen, como você está?" Eu digo, fazendo o meu melhor Gilbert Gottfried.

"Quero dizer, como é ser você!?"

Pela dobra, posso vê-lo se virar para Iago. É como se ele estivesse esbarrando em um velho amigo.

Eu não estou feliz. Eu não tenho amigos. Não consigo entender o que as pessoas falam".

Eu não ouvia essa voz, natural e fácil, com o ritmo tradicional da fala comum, desde que ele tinha dois anos.

Estou conversando com meu filho pela primeira vez em cinco anos. Ou Iago está.

Fique no Personagem.

"Então, Owen, quando você e eu nos tornamos bons amigos?"

"Quando comecei a assistir Aladdin o tempo todo. Você me fez rir tanto. Você me fez rir tanto. Você é tão engraçado" (Suskind, 2014, pp. 54-55).

Referências Bibliográficas

- Alberti, C. (2008). Rhétorique et pratique teach. In J-A Miller (Org.). *L'anti-livre noir de la psychanalyse*. Paris: Seuil.
- Asperger Hans (1998). *Les psychopathes autistiques pendant l'enfance*. Le Plessis-Robinson: Luisant. (Trabalho original publicado em 1944).
- Axline, H-G. (2004). *Dibs*. Manchecourt: Flammarion. (Trabalho original publicado em 1964).

- Barnett, K. (2013). *L'étincelle. La victoire d'une mère contre l'autisme*. Fleuve noir.
- Di Ciaccia, A. (2005). La pratique à plusieurs. *La Cause freudienne*, Navarin, 61.
- Frith, U. (1996). *L'énigme de l'autisme*. Paris: Editions Odile Jacob collection Opus. (Trabalho original publicado em 1989).
- Idoux-Thivet, A. (2009). *Écouter l'autisme*. Paris : Autrement.
- Lacan, J. (1975). *Les écrits techniques de Freud, Le Séminaire*, livre I. Paris : Seuil.
- Laurent, E. (1992). Lecture critique II. In *L'autisme et la psychanalyse*, Série de la Découverte Freudienne, 8, Presses Universitaires du Mirail.
- Laurent, E. (1997). Réflexions sur l'autisme. *Bulletin Groupe Petite Enfance*, 10, Nouveau réseau Cereda.
- Laurent, E. (2012). *La bataille de l'autisme. De la clinique à la politique*. Le Champ freudien.
- Libutti, A. (2015) We have a choice about autism. Huffpost. Recuperado de http://www.huffingtonpost.com/andrea-libutti/you-have-a-choice-about-autism_b_7309754.html
- Maleval, J-C. (2003). De l'objet autistique à la machine, les suppléances du signe. In *Pensée psychotique et créations machiniques*. Toulouse: Érès.
- Mottron, L. (2004). *L'autisme : une autre intelligence, Diagnostic, cognition et support des personnes autistes sans déficience intellectuelle*. Mardaga: Sprimont.
- Perrin, M. (2009). De l'autogire à la machine à laver, construction d'une dynamique autistique. In *L'autiste, son double et ses objets*. PUR..
- Rosin, H. (2014). "A Pathway, Not a Prison". *Slate*. Recuperado de <http://www.slate.com/articles/life/family/2014/04/life animated talking about affinities autism and disney with ron suskind.html>
- Rouillon, J-P. (2015). Autisme et contingence : l'espace de la reencontre. *Lacan Quotidien*, 490.
- Stevens, A. (2006). Un effet du programme Teacch. In *L'anti livre noir de la psychanalyse*. Paris: Seuil.
- Suskind, R. (2014). *Life, Animated. A story of sidesiks, heroes and autism*. Kingswell.

Citação/Citation: Chérel, M. (nov. 2022 a abr. 2023). *Affinity therapy*, Novidade no tratamento do autismo. (R. G. Lopes, Trad.). *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 18(35), 95-105. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2023v18n35p95-105

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 01/03/2023 / 03/01/2023.

Aceito/ Accepted: 03/04/2023 / 04/03/2023.

Copyright: © 2023. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.